

ESTUDOS DE TEXTOS MEDIEVAIS

Carolina Antunes Santos

Marlene Machado Zica Vianna

A primeira e segunda partes do estudo de três textos medievais — O Rei Bamba, D. Afonso Henrique e o O Bispo Negro¹ — foram apresentadas nos BOLETINS n.ºs. 9 e 11, do Centro de Estudos Portugueses da FALE. Dando seqüência a esse estudo, publicam-se neste volume:

V — ASPECTOS REFERENTES A SINTAXE

1. CONCORDÂNCIA

1.1 — Com o objeto direto

O português arcaico fazia o participio dos verbos transitivos concordar, nos tempos compostos, com o complemento direto, independentemente da sua posição. Exemplo:

(...) tinha ele já andadas duas léguas. (3)

1.2 — Sínese ou silepse

(...) a muy noble gente dos godos sempre fezeron .nom foy com taes rreis como eu. (1)

(...) quando viu sua embaxada tã humyldosa e de tanta devoçon e como encômendavã tam grande feyto... (1)

Nos exemplos acima, observamos a presença de sujeito coletivo (no singular) ao qual se refere um verbo no plural. Predomina, nesse caso, a idéia concreta dos indivíduos que compõem a coleção, isto é, o elemento implícito com o qual o verbo «concorda». CARDOSO e CUNHA (1970:196) estudando a concordância na língua arcaica, falam de suas particularidades, citando o caso em que, sendo o sujeito da oração um nome coletivo, podia o verbo do predicado ir para o plural. Observam também a possibilidade de um nome coletivo, ainda quando empregado no plural, com sujeito, levar o verbo para o singular.

No exemplo que se segue, o verbo se encontra no singular, embora o sujeito seja composto. Nesse caso *rreyno dos godos* e *seu senhorio* são inseparáveis, prevalecendo a idéia da unidade dos dois conceitos:

(...) *o rreyno dos godos e o seu senhorio seeria muy eixalçado...* (1)

2. COMPLEMENTOS

2.1 — Direto — A nossa língua empregava restritamente a preposição *a* junto a objetos diretos — nomes de pessoas — caso em que mais se aproxima do francês do que do português atual.

(...) *escumungou uós e todo nosso reino.* (3)

2.2 — Indireto — Mesmo que se tratasse de mais de um indivíduo, o português arcaico empregava *lhi* ou *lhe* a par de *lhe* ou *lhes*.

3. EMPREGO DE PREPOSIÇÕES

Diverge o português arcaico do atual no uso que faz de certas preposições junto de determinados verbos.

3.1 — (...) *lhe mandauã em scrito os nomes d'alguũns...* (1)

A construção *mandar em escrito* difere do português atual que *prefere mandar por escrito*.

3.2 — *E, por seerem mais certos, lhe preguntaram...* (1)

Nesse caso, a preposição *por* é, hoje, substituída por *para*, uma vez que os campos semânticos de ambas estão bem diferenciados.

3.3 — *E, em saindo elrey da crasta...* (2)

Atualmente a preposição *em* nem sempre precede o verbo no gerúndio, a não ser em expressões formais como *em se tratando*, *em se falando*, etc.

4. REGÊNCIA

4.1 — Verbal

4.1.1 — (...) *dizendo-lhe em como a muy noble caualaria dos rreis...* (1)

Difere a construção acima do português atual em que o verbo *dizer* não se constrói com a preposição *em*.

4.1.2 — (...) *e que manterria a todos as leis e costumes e direitos (...), aos fidalgos com aos poboos.* (1)

Manter, no sentido acima, se constrói, modernamente, com a preposição **para** diferindo, como vimos, do português arcaico.

4.1.3 — **Deuedes de saber que em tempo del rey... (1)**

A construção **dever + de + infinitivo**, traduzindo a idéia de fator provável, é freqüente no português arcaico. No português moderno, indicando certeza, precisão de resultado, usa-se **dever + infinitivo**.

4.1.4 — (...) **Afonso Amriquez furtou dous castelos a sa madre,,,**

O verbo **furtar** também é transitivo direto e indireto no português atual, que substitui a preposição **a** por **de**.

4.1.5 — **E o comde cuydou logo a ser morto... (2)** Hoje o verbo **cuidar**, no sentido de **pensar**, se constrói com a preposição **em**.

4.1.6 — (...) **foy ferido na perna deestra de duas lançadas... (2)**

Nesse exemplo temos o agente da passiva regido da preposição **de**, caso raro no português moderno, que se utiliza sempre da preposição **por** ou da contração **pelo** (**a**), (**o**), (**os**), (**as**).

4.1.7 — (...) **nom quis sair a recebel-lo... (1)**

Modernamente usa-se a preposição **para**, ao invés de **a**, na construção acima.

4.1.8 — **E elle meteu-se ã naues uêeo-sse em Spanha. (1)**

O exemplo acima apresenta a construção **vir+em** — verbo de movimento com a preposição **em** — hoje, pouco usual no português europeu, porém, sintaxe representativa da fala popular brasileira.

4.1.9 — **Este Arduasto ouue en aquella sobrinha d'elrrey Recessũdo hun filho... (1)**

Temos, neste exemplo, o verbo **aver**, no sentido de **ter**, seguido da preposição **em**; no português atual é preferida a construção **ter com**.

5. (...) **Heruigio se trabalhou de auer tempo e logar... (1)**

No sentido de **esforçar-se por** tal construção é insólita, e o português moderno substituiu-a por **trabalhar para**.

5.1 — **E elrrey, nõ se guardando de tal cousa... (1)**

Significando **acautelar-se**, **guardar-se de** é empregado restritamente na língua portuguesa atual. Equivale ao francês **se garder de**.

5.2 — (...) **fezeron-lhe receber o santo sacramento... (1)**

Tendo por complemento o infinitivo de verbo que não seja transitivo, o verbo **fazer** deixa no «acusativo» o sujeito desse infinitivo;

mas, se tal infinitivo for transitivo, o seu sujeito ficará indiferentemente no «acusativo» ou «dativo».

5.3 — E **pregũtou** Affonso Amrriquez **os vassalos** se hiria com seu padre a Bragaa...

O verbo **perguntar**, no exemplo acima, completa-se com dois objetos diretos. Atualmente esse verbo também se constrói com dois objetos, sendo que um deles é indireto.

6. REGENCIA NOMINAL

Destacaram-se, por se diferenciarem do português moderno, as regências nominais, nos seguintes exemplos:

a) E enton elles forõ certificados verdadeyramente que aquelle era... (1)

em que há omissão da preposição **de** depois de **certificados**.

b) (...) sejam companheyro **aos** filhos d'algo. (2)

onde a preposição **a**, modernamente, é substituída por **de** ou **para**.

c) (...) ão tempo que uiron.. (1)

em que **a**, preposição que antecede o artigo **o**, foi trocada, no português atual, por **em**.

7. ARTIGO DEFINIDO

Freqüentemente a língua antiga omitia o artigo definido antes de substantivos próprios e de substantivos precedidos de pronome possessivo.

a) (...) os godos uyuyam em Spanha (1)

b) (...) que teus homẽes sejam soberbosos... (2)

(...) chamou seu filho dõ Affonso Amrriquez... (2)

(...) da-lhe sas soldadas todas... (2)

No exemplo da letra **a**, observamos a omissão do artigo feminino singular antes do nome **Spanha**. Nos exemplos de **b**, constatamos a falta do artigo **os** antes do possessivo **teus**; a omissão de **o** antes de **seu** e a ausência de **as** antes do possessivo **sas**.

É preciso notar que essa omissão do artigo definido, nos casos anteriormente citados, é também encontrada no português atual (com menos freqüência). Paralelamente a essa omissão, registramos a presença do referido artigo nòs exemplos a seguir:

(...) toma **do** meu coração algũua cousa... (2)

(...) perderias **o** teu bom preço... (1)

8. GRADAÇÃO

8.1 — Na formação dos comparativos de superioridade e inferioridade, cujos primeiros elementos eram os advérbios **mais** ou **chus**, **mẽos** e **menos**, a língua arcaica usava, como segundo elemento da comparação, a partícula **ca** (do latim **quam**), a par de **que**, ou apenas a preposição **de**:

(...) **premdede Affonso Amriquez, meu filho, ca melhor poder tẽendes vos ca elle.** (2)

8.2 — Na formação do superlativo absoluto o português arcaico empregava o adjetivo **gram** (considerado advérbio), a par de **muy**:

E elles foram muy ledos e foron logo pera elle. (1)

(...) **uyo uuir hũ crerigo que era muy negro de sua collor...** (3)

9. ADJETIVO

Interessante no português arcaico a construção em que dois adjetivos se referem ao mesmo substantivo, um precedendo-o e o outro seguindo-o:

(...) **como santo padre amador da congregação...** (1)

Predomina, porém, a anteposição do adjetivo:

(...) **foi vijindo de Grecia hun grande e rico homem...** (1)

10. TEMPOS VERBAIS

10.1 — Segundo J.J. Nunes, depois dos verbos **prometer**, **jurar** e outros que indiquem conhecimento ou percepção, o fato futuro expresso pela oração substantiva é indicado hoje pelo futuro do presente ou do pretérito, conforme o verbo determinante esteja no presente ou no passado; o português arcaico, porém, empregava nesse caso, freqüentemente, o presente e o imperfeito do subjuntivo:

(...) **fez-lhe preyto e menagem que nũca emtrasse em Portugall...** (2)

10.2 — A antiga língua empregava, em oração afirmativa, o subjuntivo só ou acompanhado da partícula **que**:

(...) **se trazedes algo, que me dedes, senom hide-uos uossa uia...** (3)

11. INFINITIVO

O infinitivo (também em francês), como sujeito lógico de uma

oração ou complemento de um verbo, vem geralmente precedido da preposição de:

(...) ca a Deus plazia de o el seer... (1)
Heruigio se trabalhou de aver tempo... (1)

12. GERUNDIO

Muito grande era o emprego, na língua arcaica, do gerúndio (às vezes usado pelo infinitivo) precedido da preposição em:

E, em saindo el rey da crasta... (3)

13. ORAÇÃO SUBSTANTIVA

A oração integrante ou substantiva, se iniciada pelo advérbio interrogativo como, pode, às vezes, introduzir a preposição em antes desse conectivo:

(..) dizendo-lhe em como a muy noble cavallaria dos godos... (1)

14. NEGATIVAS

Conforme o uso atual, o português arcaico reforçava a negativa junto a verbo:

(...) aa sua morte nõ ficou nenhũm que ouesse d'erdar... (1)
(...) ficou assi tornado que nom soube de ssy dar nem hũu acordo. (1)

15. PLEONASMO

Expressões redundantes são encontradas no português arcaico (como hoje), especialmente a conjunção que, quando integrante.

E ao papa foy rrevellado da parte de Deus que hũn homen, que uyuya nas partes mais baixas d'Espanha contra o mar, que auya nome Bamba, que aquel seria rrey d'Espanha. E mandou (...) sse tornassem pera sua terra e que este homen tomassem por seu rey... e que este homen era lavrador e, posto que assy fosse, que era do dereito (...) e, quando o achassem, que o achariã laurar com hũn boy branco e outro vermelho. (1)

E conta a estoriã que, quando este rrey Bamba foi ungido, estando em geolhos ante o altar de Sancta Maria, que lhe sayu da boca hua abelha... (1)

16. ANACOLUTO

Segundo CARDOSO e CUNHA (1970:197), o uso do anacoluto no português arcaico é quase abusivo:

Este Bamba, que assy foy aleuantado rrey, dizem alguns que foi cavalleiro e de grandes feitos em armas... (1)
E o boo e devoto papa, quando vio (...) e como encõmendavã...
pesou-lhe por non se sentir suficiente... (1)

17. COLOCAÇÃO

O português arcaico era muito mais livre do que o atual na colocação dos elementos na frase. Nos textos estudados, encontramos as seguintes colocações, respectivamente primeira e segunda posições:

a) Verbo/Sujeito

Morto el reey Rrecessundo... (1)
(...) entõ seerey eu rrey dos godos... (1)
Morreo o conde dom Amrrique... (2)
Enton o tomaron os altos homees dos godos... (1)
(...) e ally (o) consagrou e ungio o arcebispo... (1)
E conta a estoria...

b) Objeto/Verbo

(...) e este que desta estoria fallam... (1)
E elles, quando este nome ouuiram... (1)
E, logo que esto ouue dito... (1)
(...) porque me nós queredes sacar... (2)

c) Adjunto/Verbo

(...) que era do linhagen dos reis que ante foron... (1)

d) Predicativo/Objeto

(...) alçaron por sseu rrey hun homen... (1)

VI — CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, notamos que as diferenças marcantes que existem entre a língua do período arcaico e a do moderno encontram-se no terreno da fonética, da ortografia e da semântica. O «corpus» em questão — O Rei Bamba, Dom Afonso Henriques e O Bispo Negro — revela que, em referência à morfologia e à sintaxe, nossa língua tem guardado uma notável uniformidade, pois as diferenças observadas entre textos não impedem que um leitor de nível médio compreenda que se trata de um mesmo idioma.

NOTA

1. Ao final de cada exemplo, indicamos com:
 - (1), o texto o Rei Bamba
 - (2), o texto D. Afonso Henrique
 - (3), o texto o Bispo Negro

BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. Said. *Gramática História Portuguesa*. 7.ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 9.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.
- CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso. *Português Através de Textos*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970.
- COUTINHO, Ismael de Lima, *Gramática Histórica*. 7.ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
- Dom Duarte. *Leal Conselheiro e Livro de Ensinança de Bem Cavalgar*. (Clássicos Portugueses — Textos Escolhidos) Lisboa, Livraria Clássica, 1972.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*. 9.ed. Coimbra, Coimbra Editores, 1977.
- NUNES, Dr. José Joaquim. *Crestomatia Arcaica*. 7.ed. Lisboa, Clássica, 1943.
- SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 5.ed. Porto, Porto Editora, s/d.
- VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, *Lições de Filologia Portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes, s/d.